



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de História**

**O Nascimento do Herói Eurasiático:**  
**o Motivo do Infante Exposto a partir de uma perspectiva morfológica**  
Manuel Henrique Vieira Matrangolo

Brasília – DF  
Dezembro/2023



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

**O Nascimento do Herói Eurasiático:**

**o Motivo do Infante Exposto a partir de uma perspectiva morfológica**

Manuel Henrique Vieira Matrangolo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Vicente Dobroruka

Brasília – DF

Dezembro/2023

## **Resumo**

O presente trabalho trata do Motivo do Infante Exposto a partir de uma perspectiva morfológica segundo os métodos de Vladimir Propp. O estudo objetiva determinar a estrutura morfológica de tal motivo que se apresenta em uma ampla variedade de histórias da Antiguidade eurasiática. A determinação da morfologia do motivo é encarada como o passo inicial para o seu tratamento histórico. Junto a isso, são também exploradas as redes de contato existentes na Eurásia Antiga, de forma a esclarecer o contexto histórico no qual circulavam as histórias em que o motivo está presente.

**Palavras-chave:** Análise Morfológica; Antiguidade Eurasiática; Literatura Antiga; Motivo do Infante Exposto; Zonas de Contato

## **Abstract**

The following work deals with the Infant-Exposure Motif from a morphological perspective following Vladimir Propp's methods. The study aims to determine the morphological structure of said motif that presents itself in a wide variety of Eurasian Antiquity stories. Determining the morphology of the motif is seen as the first step for its historical treatment. Alongside that, the existing contact zones in Ancient Eurasia will also be explored as to enlighten the historical context in which the stories containing the motif circulated.

**Keywords:** Morphological Analysis; Eurasian Antiquity; Ancient Literature; Infant-Exposure Motif; Contact Zones

<b>Sumário</b>	
<b>Introdução</b> .....	5
<b>1 – O Motivo do Infante Exposto</b> .....	7
<b>1.1. O que é o Motivo?</b> .....	7
<b>1.2. Discussões existentes sobre o Motivo</b> .....	8
<b>1.3. A presença do Motivo na Antiguidade Eurasiática</b> .....	10
<b>2 - A morfologia do Motivo do infante exposto</b> .....	16
<b>2.1. A morfologia de Vladimir Propp</b> .....	16
<b>2.2. Aplicando o método de Propp ao Motivo</b> .....	18
<b>2.3. As funções do Motivo</b> .....	21
<b>2.4. Exemplo de estrutura morfológica</b> .....	29
<b>2.5. Exceções e anomalias</b> .....	30
<b>3 – O Motivo do Infante Exposto e a Eurásia</b> .....	33
<b>3.1. O Motivo em trânsito na Eurásia antiga</b> .....	33
<b>3.2. Possíveis interconexões eurasiáticas</b> .....	35
<b>Fontes</b> .....	42
<b>Bibliografia</b> .....	43

## **Introdução**

O presente trabalho começou como consequência de uma simples constatação de que as histórias de Romulo e Remo, Sargão e Moisés se assemelham no quesito que em todas elas ocorre o abandono em um rio de crianças recém-nascidas profetizadas a grandes feitos, apenas para ser protegido de forma sobrenatural e em seguida resgatado e adotado. Ao se investigar mais, descobre-se outras histórias com essa mesma estrutura tanto no Ocidente, à exemplo das histórias de Édipo e de Hércules, como também no Oriente, preservadas em clássicos como Shiji e Mahabharata. De tal constatação advém uma questão: por que essa semelhança? A resposta dada poderia ser simplesmente que seria resultado da observação da natureza, da constatação do fato que uma das formas mais eficientes de se livrar de algo indesejado é lançando-o ao rio, cuja correnteza, então, o levará para longe. Essa resposta não seria de todo absurda, visto que ainda hoje esse é um método bastante utilizado para se desfazer de rejeitos, vide os sistemas de esgoto. Porém, tal conclusão peca no seguinte detalhe: nem todas as crianças eram indesejadas. De fato, dos três exemplos iniciais, apenas em Romulo e Remo havia a intenção de eliminar as crianças, nas outras duas o objetivo do abandono era preservá-las. Ainda, há histórias em que a estrutura é extremamente similar, mas não há um rio, sendo a criança exposta na mata, de modo que a explicação anterior não mais se aplicaria.

Desse modo, para responder à pergunta do porquê a semelhança entre narrativas vindas de povos tão distintos foi identificado um motivo literário: o Motivo do Infante Exposto. Porém, a grande maioria dos estudos que tratam desse motivo são um tanto insuficientes, sendo que aparece de forma tangencial em muitos deles – ou por vezes sequer é identificado explicitamente. Ainda, boa parte deles são voltados a comparações diretas entre algumas poucas histórias, partindo da constatação da semelhança, sem questioná-la mais a fundo. Mesmo naqueles em que o Motivo do Infante Exposto é tratado de forma mais abrangente, fazendo uso de um número significativo de fontes, pode se questionar que há considerável abstração no que se considera exposição, sendo incluídas na análise histórias nas quais discutivelmente não ocorre uma exposição de fato e cujas narrativas diferem das demais em pontos importantes. Portanto, além de haver apenas uma esparsa literatura especializada sobre o tema, também se identifica a necessidade de uma revisão metodológica no seu tratamento.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a revisitar o tema do Motivo do Infante Exposto a partir de uma nova perspectiva e com um método diferente. Para tal, serão feitas e respondidas três perguntas, divididas no curso de três capítulos. Primeiramente, o que é o Motivo do Infante Exposto? No capítulo inicial, será definido claramente o objeto de estudo, como ele foi tratado até o presente momento e quais são suas formas identificadas. No capítulo seguinte, será respondida à questão de como funciona o Motivo do Infante Exposto, fazendo uso da metodologia morfológica desenhada por Vladimir Propp, com o intuito de encontrar a estrutura que subjaz às diversas histórias, possibilitando identificar claramente quando estamos frente ao Motivo do Infante Exposto e quando há mera semelhança. No terceiro e último capítulo, abordar-se-á a problemática de onde veio o Motivo do Infante Exposto. Tratar de origens é um tema delicado (com razão) na historiografia e neste caso não é diferente; por isso, o foco será não em sua fonte original, cuja identificação seria extremamente difícil, se não impossível, e sim na sua área de circulação, essa sim identificável e corroborada por outras fontes escritas e arqueológicas.

## **1 – O Motivo do Infante Exposto**

### **1.1. O que é o Motivo?**

A estrutura do Motivo do Infante Exposto (também chamado de Motivo da Criança Exposta), daqui em diante identificado apenas como Motivo, pode ser simplificada em três grandes partes, às quais detalharemos mais adiante, que são: a Gestação, que serve como introdução, onde ocorre a gravidez e é apresentado ao leitor o porquê a criança será exposta; o Abandono, o ponto central das histórias, no qual a criança é exposta; e por fim o Acolhimento, onde a criança é protegida e posteriormente resgatada.

Apesar de ter essencialmente um começo, meio e fim, o Motivo raramente compõe uma história por si só. No geral, aparece como um elemento introdutório de uma narrativa maior, principalmente em histórias de figuras históricas ou mitológicas de grande importância cultural. Em praticamente todas as histórias nas quais o Motivo se faz presente, a criança que é exposta vem a realizar feitos dignos de nota, a escala variando com a natureza da história. Tal estrutura pode ser encontrada em histórias de diversas culturas no decorrer de mil nios, desde a antiguidade até a atualidade.

Isso pressupõe a existência de um motivo. Portanto,   necessário determinarmos se de fato estamos tratando de um. E para tal, usaremos a descri o e defini o dadas por Freedman (1971). Apesar do autor se preocupar com a defini o de motivo no contexto de obras modernas e contemporâneas, ele propõe dois fatores para o estabelecimento de um motivo que nos são úteis: a frequência e a evitabilidade. Isto é, o fen meno deve ser frequente o bastante para que não seja meramente uma coincidência e não pode ser integral   história de forma que sua presença seja uma necessidade para a coesão da narrativa. Para a frequência, a exposi o está presente em histórias de uma multitude de culturas distantes temporal, cultural e geograficamente em uma propor o que torna uma coincidência improvável. Quanto ao segundo ponto, a exposi o é geralmente parte da introdu o a histórias maiores que não dependem dela para fazer sentido – como veremos mais adiante, algumas histórias possuem duas versões, uma com e outra sem a exposi o. Dessa forma, é seguro afirmar que estamos tratando de fato com um motivo.

Deve-se notar que o Motivo está presente em uma ampla variedade de tipos textuais. Alguns textos são de cunho biográfico, como   o caso da história de Sargão, que se coloca como uma autobiografia, e das versões de R mulo e Remo escritas por Plutarco. Outros

tem caráter historiográfico, no sentido de documentar o passado – esse é o caso das histórias encontradas em obras como *Shiji* ou *Ab Urbe Condita*. Há também casos em obras dramaturgicas, tal qual *Íon* de Eurípides, e em épicos, como a história de Karna, presente no *Mahabharata*. Assim, não é possível atrelar o Motivo a um único tipo textual.

Finalmente, vale ressaltar que, apesar de lidarmos com textos escritos, não os trataremos apenas como literatura, pois, a despeito da escrita ser a forma pela qual temos acesso às tradições antigas, ela captura apenas fragmentos de culturas majoritariamente orais, onde apenas parte das populações eram letradas. Assim sendo, não se deve separar os textos dos meios em que foram produzidos, em especial pelo fato da tradição escrita não apenas derivar da oral, como também ser continuamente influenciada por ela (BACHVAROVA, 2016, p. 54–55 e 199–200), o que pode ser observado pelo registro de diferentes versões de uma mesma história.

## 1.2. Discussões existentes sobre o Motivo

A existência do Motivo não é um segredo ou novidade. As semelhanças e paralelos entre histórias diversas, escritas em locais distantes e culturalmente diferentes, chama a atenção de estudiosos já no século XIX. O campo dos estudos mitológicos é consideravelmente fértil de estudos sobre o Motivo, buscando explicar o porquê das semelhanças entre histórias vindas de locais tão distintos. Discípulo de Freud, Otto Rank (1914) oferece uma perspectiva psicanalítica sobre a similaridade entre as histórias. Ainda, devido à história de Moisés, os estudos religiosos também produziram estudos sobre o assunto. Por fim, também se tornou assunto de algumas outras áreas, como a Assiriologia e os estudos sobre o Oriente Próximo, mas, a partir da metade do século XX, são poucos os estudos que se concentram sobre o tema. E todas essas discussões se concentram quase que inteiramente sobre a mesma questão: qual a origem do Motivo?

Nos guiando pelo trabalho de Rank (1914, p. 2–3), no século XIX, eram três as principais teorias que explicavam as semelhanças entre os textos. A primeira fora proposta por Adolf Bastian (1868 apud. RANK, 1914, p. 1–2) e era chamada de “Idea of the People”, ou Ideia dos Povos. Essa hipótese assumia a existência de pensamentos elementares, de modo que a uniformidade dos mitos seria consequência da uniformidade da mente humana, que permitiria apenas um número limitado de variações.

Contudo, ao final do XIX, outras duas teorias passam a ser favorecidas. Uma resultava da aplicação dos paralelos entre folclore e contos de fada traçados por Benfey aos mitos de heróis, tendo como base os trabalhos de Rudolf Schubert. Seus adeptos propunham que os mitos se originaram na Índia, onde seria mais favorável, adotados pelos povos Indo-Germânicos e então irradiaram pelo planeta, mantendo certos elementos comuns. A outra teoria, que Rank (1914, p. 2) classifica como “uma mera modificação da teoria de Benfey, necessitada pelo descoberto e irreconciliável material”, era a da migração e empréstimos. Com as novas descobertas decorrentes de escavações na Mesopotâmia, supostamente havia ficado claro que seria a Babilônia, não a Índia a origem desses mitos. E, no lugar de irradiarem de um único ponto, os mitos surgiram entre múltiplos povos na Babilônia, sendo transmitidos oralmente pela troca e pela tradição literária.

Rank (1914, p. 3) considerava essas explicações insuficientes, pois ilustram as variações e a distribuição, porém falham em responder o cerne da questão de onde surgiram esses mitos. Buscando desvendar a real origem das semelhanças entre as histórias, o autor vê uma relação íntima entre sonho e mito, o que justificaria a interpretação do mito como o sonho de uma coletividade de pessoas (RANK, 1914, p. 6–7). Dessa forma, ele se dedica a construir sua própria teoria, aplicando os métodos desenvolvidos por Freud para a interpretação de sonhos combinados a métodos de interpretações astrais da mitologia<sup>1</sup>. Seu objetivo é encontrar os mecanismos psicológicos dos quais originariam os elementos básicos dos mitos do herói, considerando a mente humana como a mais provável fonte para explicar as semelhanças.

A análise do Motivo pelos estudiosos da religião em geral se deu por meio da comparação entre as histórias de Moisés e Sargão. De fato, o ímpeto inicial para o estudo da autobiografia de Sargão adveio em grande parte de sua semelhança com a história bíblica (LEWIS, 1980, p. 149). Aqui o Motivo é estudado principalmente como forma de posicionar a lenda de Moisés em relação a outras tradições do Êxodo e de determinar sua pré-história (CHILDS, 1976, p. 8).

---

<sup>1</sup> Rank (1914, p. 5-10) não nega completamente a interpretação astral dos mitos, mas acrescenta a ela um elemento psicanalítico. O que ocorre, segundo ele, é que a origem psicológica do mito, nos desejos infantis, causa repulsa e é então mascarada numa interpretação astral. Desse modo, a interpretação astral seria secundária e só pode ser resolvida uma vez que a origem psíquica dos mitos em geral seja estabelecida.

Outros estudos dignos de nota são os realizados por Brian Lewis (1980), em *The Sargon Legend*, e por Donald B. Redford (1967), em *The Literary Motif of the Exposed Child*. Ambos realizam apreciações mais profundas do Motivo em si, buscando classificar e explicar seus elementos básicos a partir de análises de diferentes textos que o contêm. Lewis (1980, p. 150) considera mais apropriado ler a exposição não como um Motivo, mas como um “tipo de conto”, seguindo a classificação do índice de Aarne-Thompson<sup>2</sup>. O autor identifica esse tipo em diversas histórias no decorrer do tempo, chegando até a contemporaneidade, com o Super-Homem. Após decompor o tipo em seus elementos mais básicos, Lewis (1980, p. 255–263) monta subtipos regionais e elabora um arquétipo primário hipotético do qual os demais teriam se derivado.

Uma grande contribuição de Redford (1967, p. 219–224) foi notar a ausência do Motivo em histórias oriundas do Egito, apesar de algumas apresentarem certas similaridades. No caso dessas histórias, foram escritas após o período Greco-Romano, quando o Egito já havia sido exposto à literatura clássica e hebraica, que afetaram as narrativas de histórias já existentes. Além disso, Redford (1967, p. 211–217) divide o Motivo em três versões: a exposição que se dá por questões morais; a exposição motivada por uma profecia; a exposição cujo propósito é salvar a vida da criança. Por fim, o autor especula sobre uma possível origem para o Motivo, concluindo que a planície do Tigre e do Eufrates seria a fonte mais provável, por sua geografia, sua influência e por conter os exemplos mais antigos (1967, p. 226–227).

### **1.3. A presença do Motivo na Antiguidade Eurasiática**

A presença do Motivo pode ser verificada por toda a Eurásia, da China à península itálica, no decorrer de séculos. Isto significa que o Motivo foi utilizado por diferentes culturas e em diferentes momentos. Desse modo, qualquer análise do Motivo está limitada não só pela existência de fontes, mas também pela capacidade de acesso a elas. Não existe até então um esforço dedicado à catalogar amplamente todas as histórias em que o Motivo está presente; alguns autores como Rank (1914) e Lewis (1980) listam diversos exemplos, mas não abarcam todas as possíveis manifestações do Motivo – por exemplo, nenhum dos dois autores citam a história de Hou Ji, presente no *Shiji* de Sima Qian, do século II

---

<sup>2</sup> Apesar de Lewis se guiar pelo índice de Aarne-Thompson, ele diz que o tipo ao qual corresponde os mitos de exposição não estão representados no índice. Segundo Lewis (1980, p. 13) isso se dá por uma negligência dos folcloristas para com o Oriente Próximo antigo em favor dos folclores europeus.

AEC, que se encaixaria nas descrições do Motivo feitas por eles (LI, 1998, p. 247). Esse não é um defeito dos autores, uma vez que inventariar algo presente em tamanha diversidade de línguas e contextos seria um esforço hercúleo, quiçá impossível – por exemplo, a história citada acima ainda é pouco traduzida, de modo que é compreensível que tenha escapado às análises. Nesse sentido, de forma alguma pretendo que a análise feita aqui é totalizante e existe a possibilidade significativa de que histórias não tenham sido abarcadas. Isso, porém, não representa um problema, pois, conforme delineado por Propp (2001, p. 18), o estudo das funções cessa quando a adição de novas histórias não mais introduz novas funções.

As versões mais antigas verificadas até então são hititas, preservadas no Arquivo de Bogazköy, antiga capital Hattusa, na atual Turquia. A primeira é a história dos filhos da rainha de Kaneš, datada aproximadamente do século XVI AEC, onde a rainha mencionada dá a luz a trinta filhos no curso de um ano e, devido à estranheza dos partos, decide colocar os garotos em um recipiente feito de excrementos e lançá-los ao rio (LEWIS, 1980, p. 156; OTTEN, 1973, p. 7). Essa estrutura é única em três aspectos: no número de crianças sendo expostas, pois os demais textos envolvem no máximo duas crianças; no fato dos filhos nascerem no decorrer de um ano, sendo que nas histórias em que são expostas múltiplas crianças, elas são sempre pares gêmeos; por fim, na composição do recipiente, não havendo nenhuma menção a excrementos nas outras histórias.

Em seguida, datada em cerca de XIII AEC, é a narrativa presente na segunda parte da história *Mestre Bom e Mestre Mau*. Nessa história, o Deus-Sol toma pena de uma vaca magra e faminta e, em um clarão, a engravida. Após nove meses, nasce uma criança humana e a vaca, horrorizada, avança contra a criança, porém o deus interfere, protegendo a criança. Em seguida, envia um de seus servos para resgatar o infante e colocá-lo às margens de um rio (GASTER, 1952, p. 164–165; LEWIS, 1980, p. 156). Esse também é um caso único, sendo a única história na qual um animal está envolvido na concepção da criança.

A seguir vem a história do nascimento de Sargão, cuja datação é imprecisa<sup>3</sup>, estipulada entre XIII e VIII AEC (LEWIS, 1980, p. 152). Esse mito, já relativamente mais conhecido, narra como a mãe de Sargão faz seu parto escondida. A razão para o parto ter sido oculto não é claro, ficando à critério do tradutor. Algumas traduções dizem que a mãe era uma *changeling* (GÜTERBOCK apud. CHILDS, 1965, p. 109). Outros, como Childs (1965, p. 109–110), sugerem que o sigilo era por se tratar de um filho ilegítimo. Por fim, certas interpretações colocam a mãe como uma sacerdotisa (LEWIS, 1980, p. 24 e 152; RANK, 1914, p. 12; SPEISER, 1974), o que a obrigava à castidade (CHILDS, 1976, p. 9). Após o nascimento, Sargão é colocado em um cesto de junco selado com betume e lançado em um rio, de onde é depois resgatado por Akki, o coletor de água. Essa história, juntamente à de Moisés, foram centrais no estudo do Motivo, uma vez que foram os paralelos entre as duas que impulsionam as primeiras análises.

Também do Oriente Próximo, temos a história de Moisés, datada do primeiro milênio AEC (LEWIS, 1980, p. 152). Conforme dito anteriormente, o Motivo não aparece no Egito (REDFORD, 1967, p. 219–221), e, de fato, apesar do uso da cor-local egípcia, a história do nascimento de Moisés se firma em tradições comuns ao Oriente Próximo (CHILDS, 1965, p. 110–115). A mãe de Moisés o coloca em uma cesta de papiro selada com betume e piche e o deixa às margens do Nilo. Moisés é posteriormente resgatado pela filha do Faraó. Há também uma segunda versão da história, escrita no século I EC por Josefo, mas não há diferenças significativas entre elas que mereçam ser destacadas.

Saindo do Oriente Próximo rumo ao leste, nós encontramos dois exemplares do Motivo: um na China e outro entre os hindus. O exemplo chinês se encontra em um relato das viagens de Zhang Qian, um oficial e diplomata da dinastia Han, transcrito no *Shiji* ou *Registros do Historiador*, de Sima Qian, cronista da mesma dinastia. As viagens e seus relatos no *Shiji* ambas datam do século II AEC (GONÇALVES, 1971, p. 79). No relato, Zhang diz que, enquanto vivia entre os xiongnu, ouviu falar do rei dos wusun<sup>4</sup>, chamado de Kun-mo. Kun-mo era filho do rei de um pequeno país que fora atacado. O rei é morto e a criança, ainda recém-nascida, deixado em um campo, onde fora sustentada por

---

<sup>3</sup> Para uma discussão mais profunda sobre as diferentes datações da Lenda do Nascimento de Sargão cf. LEWIS, 1980, p. 97-101.

<sup>4</sup> Uma nação nômade anteriormente conquistada pelos xiongnu (HIRTH, 1917, p. 151).

pássaros e lobos. Maravilhado com a cena, o governante dos xiongnu adota o garoto que no futuro se torna um grande guerreiro (GONÇALVES, 1971, p. 88; SIMA, 1961, p. 271).

O exemplo vindo do subcontinente indiano se encontra nos cantos 303 ao 309 do *Mahābhārata*, na história de Karna, datada entre c. 400 AEC-400 EC<sup>5</sup> (LEWIS, 1980, p. 176). Nessa história, a princesa Kunti invoca inocentemente Surya, o deus do Sol. Surya compreende que a garota cometeu um erro, mas se recusa a ser invocado em vão, pois seria considerado humilhante perante os outros deuses. Então, ele exige que Kunti se deite com ele, porém, de acordo com a tradição, apenas seus pais e os anciões poderiam conceder o corpo da garota. Para contornar a regra, Surya promete que Kunti permanecerá virgem e toca seu umbigo, concebendo a criança. Ele deixa de presente para o filho um par de brincos e uma armadura encantados. Kunti fica grávida durante dez meses, período no qual ela esconde a gravidez ficando reclusa em espaços restritos às virgens. Após os dez meses, nasce um garoto, Karna, vestindo a armadura e os brincos. E assim que a criança nasceu, Kunti, com a ajuda de uma enfermeira, a deitaram em uma cesta selada com cera de abelha e a colocaram no rio Ashva. Flutuando rio abaixo, a cesta é avistada por um casal nobre que tinha dificuldades em conceber filhos. O casal recupera a cesta e adotam o garoto (*Mahābhārata*, Canto 303-309).

Seguindo no sentido oposto, adentrando o continente europeu, o Motivo se encontra preservado em fontes helênicas e romanas. Aqui é de onde vem a maior parte dos exemplos preservados, porém é difícil afirmar com certeza o porquê dessa ocorrência, uma vez que, conforme dito anteriormente, há uma grande limitação nas fontes frente à diversidade linguística e cultural. De tal modo, pode ser que de fato o Motivo encontre nas culturas europeias um solo mais fértil, assim como é possível que as fontes do Oriente Próximo e do leste asiático não tenham sido preservadas ou simplesmente não chegaram ao conhecimento ocidental, por serem de difícil acesso quando comparadas às fontes europeias.

Se tratando da Grécia, a maioria das histórias contendo o Motivo estão presentes em duas obras: a *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro, do século I-II EC, e a *Biblioteca*

---

<sup>5</sup> Essa é a datação estimada na qual o *Mahābhārata* como um todo teria sido escrito, alcançando sua versão final no século IV EC. A história do nascimento de Karna está no Vana Parva, o terceiro de dezoito, e provavelmente foi escrita na parte anterior da estimativa.

*Histórica* de Diodoro da Sicília, do século I EC. Para a primeira obra, as histórias são Anfion e Zeto (3.5.5), Atalanta (3.9.2), Édipo (3.5.7-8), Neleus e Pélias (1.9.8), Paris Alexandre (3.12.5) e Perseu (2.4.1); para a segunda, Agathocles (19.2), Cybele (3.58), Heracles (4.9), Semiramis (2.4) e Telephus (4.33).

Aqui cabe levantar a questão das diferentes versões de algumas histórias. A história de Édipo, por exemplo, encontra mais de uma versão nas fontes. Na obra de Sófocles, do século V AEC, que conta a história de forma teatral, não há exposição – Laio entrega Édipo a um pastor para que o mate, mas o servo dá a criança a um outro pastor que por sua vez o presenteia a Políbio, de modo que Édipo jamais é exposto. Enquanto isso, na versão presente na Biblioteca de Apolodoro, mais de cinco séculos depois, o servo de Laio, no lugar de entregar a criança diretamente ao pastor de Políbio, a deixa exposta no Monte Citerão, onde ela é encontrada não por um único indivíduo, mas por um grupo de pastores que o levam até Políbio. Isso não significa que o Motivo não aparece em textos gregos mais antigos, uma vez que está presente nas histórias de Ciro, conforme narrada por Heródoto, de Ion, escrita por Eurípedes, e de Íamo, por Píndaro, todas também do século V AEC. Mas é passível de se questionar se a história de Édipo originalmente não continha o Motivo, sendo este uma adição tardia, ou se ambas as versões coexistiram.

Dentre os romanos temos a história de Rômulo e Remo, conforme registrada por Tito Lívio, no século I AEC, e por Plutarco, entre I e II EC. A versão de Tito Lívio apresenta os gêmeos como produtos da violação de sua mãe, uma vestal que deveria permanecer virgem. Sua posição sacerdotal lhe fora imposta por seu tio, que temia a vingança dos herdeiros do irmão que assassinara pela herança do pai. Uma vez que as crianças nascem, esse mesmo tio ordena que sejam lançados ao turbulento rio Tibre. Porém, nesse dia as águas estavam estagnadas, impossibilitando o acesso ao leito regular do rio; assim sendo, os encarregados por cumprir as ordens depositam os infantes em um alagado próximo, julgando que seria o suficiente para afogá-los. O berço em que estão passa, então, a flutuar e é depositado em um lugar seco e deserto quando as águas baixam. Nesse momento, uma figura feminina, que seria uma prostituta ou uma loba, encontra os gêmeos e os nutre e protege até que sejam resgatados por um pastor do rei.

Já Plutarco apresenta cinco versões diferentes para o nascimento de Rômulo, sendo que apenas duas delas apresentam a exposição. Na primeira que nos concerne aqui,

um falo místico aparece na residência do soberano dos Albanos, que ordena que sua filha se una ao espectro; ela, porém, envia uma escrava em seu lugar, provocando a ira do pai. Quando as crianças nasceram, ele ordena que sejam mortas e elas são deixadas às margens do rio, onde são amamentadas por uma loba e resgatadas por pastores. A segunda versão em muito se assemelha à de Tito Lívio: uma vestal é violada, dá à luz a duas crianças que são então jogadas ao rio e amamentados por uma loba até serem resgatadas. Além das histórias de Rômulo e Remo, as outras histórias vem todas de uma mesma obra, a *Epitoma Historiarum Philippiacarum*, por Marco Juniano Justino, de II-III EC. Essas histórias são as de Hiero (23.4), de Habis (44.4) e de Ciro (1.4), e compõem os exemplos mais tardios que analisamos.

## 2 - A morfologia do Motivo do infante exposto

### 2.1. A morfologia de Vladimir Propp

A análise do Motivo do infante exposto será feita por meio da metodologia descrita pelo folclorista russo Vladimir Propp, em seu livro *Morfologia do Conto Maravilhoso*, publicado originalmente em 1928. Este livro, escrito como etapa preliminar a um estudo maior sobre a história dos contos maravilhosos ou de magia, representa uma reação de Propp ao que considerava uma insuficiência do estudo dedicado ao conto maravilhoso – poucas eram obras sobre o tema e “as que existiam apresentavam [...] um caráter de diletantismo filosófico desprovidas de rigor científico” (PROPP, 2001, p. 8). Anteriormente, esse fenômeno teria sido justificado por uma ausência de contos conhecidos e registrados, porém, Propp destaca, a situação se alterou e as fontes aumentaram consideravelmente, assim como a possibilidade de acesso a elas. Desse modo, o problema estaria não na quantidade de material disponível e sim nos métodos utilizados para estudá-lo.

Portanto, com a intenção de resolver tal problema metodológico, Propp toma como base os métodos das ciências biológicas e físico-matemáticas. O primeiro ponto ao qual chama à atenção é a ausência de uma terminologia unificada nos estudos dos contos, o que causa dificuldades no estudo de um material consideravelmente diverso e heterogêneo. Em seguida, o autor assinala que na análise de fenômenos e objetos as discussões sobre origem devem ser sempre precedidas pela descrição de tal fenômeno ou objeto. Porém, continua, até o momento em que escreve o conto maravilhoso era abordado principalmente por uma perspectiva genética, sem tentativas de descrições sistemáticas – a classificação era introduzida ao material e não dele deduzida (PROPP, 2001, p. 8–13).

Propp desenvolve, então, um método morfológico de estudos dos contos maravilhosos com base nas *funções*. Esse método consiste em isolar as partes constituintes dos contos para em seguida usá-las como base para compara os contos entre si, obtendo, assim, “uma morfologia, isto é, uma descrição do conto maravilhoso segundo as partes que o constituem, e as relações destas partes entre si e com o conjunto” (PROPP, 2001, p. 16).

Para tal, Propp divide os contos em duas grandezas: variáveis e constantes, sendo as variáveis aquelas que mudam entre contos (e.g.: nomes e atributos de personagens), e as constantes aquelas que permanecem iguais em múltiplos contos, as ações dos personagens, as chamadas *funções dos personagens*. O reconhecimento dessas grandezas é feito de forma dedutiva, partindo do material às conclusões, identificando e isolando, por meio de comparações textuais, as funções. Em seguida, deve-se caracterizar cada função com uma descrição de sua essência, defini-la de forma reduzida em poucas palavras e a atribuir um signo convencional, para possibilitar a esquematização posterior. Cada função possui, também, diferenciações internas, que correspondem às diferentes formas nas quais podem se manifestar nos textos. Além disso, Propp também prove exemplos de cada função, que servem de amostra. Novamente o autor faz comparação com as ciências biológicas, dispondo os exemplos em grupos conhecidos que se relacionam com a definição assim como as espécies se relacionam com o gênero, ou seja, os exemplos são subalternos à definição e não a esgotam (PROPP, 2001, p. 19). Se tratando de um trabalho geral, o método de Propp foca no “gênero”, isto é, nas definições.

Propp identifica quatro características das funções no conto maravilhoso. A primeira já foi dita, as funções são os elementos constituintes básicos do conto maravilhoso, sendo constantes e independentes dos personagens, isto é, personagens distintos podem realizar uma mesma ação. Assim, enquanto a função é constante, o meio pela qual se realiza é variável; como colocado por Propp (2001, p. 16) “o que realmente importa é saber *o que* fazem os personagens. *Quem* faz algo e *como* isso é feito, já são perguntas para um estudo complementar”.

A segunda característica das funções é que são de um número limitado, sendo justamente essa quantidade finita de funções combinada com a numerosa variação de personagens que permite ao conto maravilhoso ser simultaneamente amplamente diverso e em grande parte uniforme e repetível.

O terceiro aspecto das funções concerna à sua sequência, que é sempre idêntica; a sequência de acontecimentos no conto maravilhoso é regida por regras particulares e específicas, sendo rigorosamente idêntica e quaisquer alterações são limitadas

rigidamente por regras que podem ser precisamente determinadas.<sup>6</sup> E mesmo que um conto não apresente todas as funções, a sequência ainda assim permanece a mesma.

A quarta característica, consequência direta da terceira, é que todos os contos de magia são monotípicos; uma vez que a sequência de funções é sempre a mesma e a ausência de uma função não altera a sequência das demais, então todas as funções do conto maravilhoso se colocam segundo um relato único, sem desviar da série ou se excluírem mutuamente (PROPP, 2001, p. 16–18).

Além disso, Propp introduz outros elementos morfológicos do conto maravilhoso, que existem em paralelo às funções. O primeiro deles é a *situação inicial*. Esse é o momento introdutório do texto, no qual é apresentado o contexto geral do conto (e.g.: enumeram-se os membros da família, nomeia-se o herói, descreve-se o cenário) (PROPP, 2001, p. 19).

Há também *elementos auxiliares para a ligação entre as funções*. As funções não são sempre subsequentes e por vezes são desempenhadas por personagens distintos; o papel dos elementos auxiliares é transmitir as informações necessárias para a continuidade do conto entre os personagens.<sup>7</sup>

Papel semelhante cumprem os *elementos que favorecem a triplicação*. Análogos aos de ligação, esses elementos introduz a repetição tríplice de certos detalhes particulares do conto.

O elemento último apontado são as *motivações*, onde estão incluídos ambos as razões e os objetivos que guiam as escolhas dos personagens. As motivações são o elemento morfológico menos preciso e determinado, pois são extremamente versáteis e peculiares a cada conto (PROPP, 2001, p. 40–43).

## 2.2. Aplicando o método de Propp ao Motivo

Antes de tratarmos da aplicação do método morfológico ao Motivo do Infante Exposto propriamente, vale uma digressão para justificar o uso da metodologia e explicar a escolha do material. Apesar da metodologia ter sido desenvolvida a partir do estudo dos

---

<sup>6</sup> Essa característica se refere apenas ao folclore, não ao conto maravilhoso enquanto gênero. Contos criados artificialmente não estão sujeitos a ela. (PROPP, 2001, p. 17)

<sup>7</sup> Essa ação não é sempre presente nos contos, havendo casos em que ela pode ser omitida e então os personagens agem de forma onisciente ou *ex machina*. (PROPP, 2001, p. 40)

contos de magia, conforme explica Propp (PROPP, 2001, p. 136) ao responder às críticas feitas por Lévi-Strauss, “o fenômeno da transferência da ação de um personagem a outro ou a existência de ações idênticas para personagens diferentes, não pertencem exclusivamente ao conto maravilhoso.” Isso possibilita que os mesmos métodos sejam aplicados a diferentes tipos textuais, para encontrar sistemas morfológicos absolutamente diferentes. A única advertência dada pelo autor é quando à repetição do material, sendo que a aplicação positiva do método morfológico depende de ampla repetição.

Nesse sentido, quanto ao material a ser analisado, seguimos as orientações de Propp. Primeiro, nota-se que não há necessidade de reunir todo o material existente a respeito do assunto; a introdução de novos exemplares cessa a partir do momento em que o novo material não mais resulta em novas funções (PROPP, 2001, p. 18). Propp coloca cem contos com enredos diferentes como o número ideal de materiais, sendo qualquer exemplar além dessa quantidade usado como controle. Porém, ao lidarmos com o Motivo do Infante Exposto da forma como tratamos no presente trabalho estamos significativamente limitados na quantidade de exemplares disponível, havendo uma constrição temporal, uma vez que tratamos apenas daquilo produzido na Antiguidade, e material, pois o número de histórias contendo o Motivo que foram preservadas até o tempo presente não aparenta ser amplo o bastante para satisfazer o número ideal estipulado por Propp. Assim, utilizamos cerca de 30 histórias diferentes para análise, sendo algumas delas versões de uma mesma história vindas de fontes distintas.

Outra razão para usarmos uma quantidade menor de material é para aderirmos à segunda regra: o material deve ser imposto de fora, e não escolhido ao gosto do pesquisador. Para tal, escolhemos fazer uso das histórias selecionadas por Otto Rank (1914) e por Brian Lewis (1980). A justificativa para usarmos duas obras é devido ao escopo temporal selecionado pelos dois autores, ambos tratando do Motivo em uma longa duração, indo da antiguidade até o momento presente (dos autores). Desse modo, usamos apenas a porção das histórias selecionadas por eles que se encaixam na temporalidade que nos concerne. Porém, as demais narrativas que se estendem para além dessa duração não são totalmente ignoradas, pois ainda servem de controle para as funções deduzidas. Ainda, o uso de duas obras também se deve ao fato de o exemplos contidos nelas em muito se sobrepõem, então atuam de forma complementar, ampliando o corpus disponível para análise.

Além disso, o número reduzido de exemplares também é justificável dentro metodologia proposta, pois, conforme colocado por Propp (2001, p. 18), a extensão do material é proporcional à repetibilidade dos fenômenos analisado, isto é, uma maior repetição, permite um material mais modesto e vice-versa. No caso do conto maravilhoso, Propp deduz 31 funções de grande repetibilidade; para o nosso caso, conforme será detalhado adiante, analisando o Motivo do Infante Exposto nos encontramos perante apenas 10 funções, que se repetem com altíssima frequência. Assim, por estarmos lidando com fenômenos de uma repetibilidade maior do que a encontrada por Propp, um material menos extenso não representa um problema.

Com isso em mente, tratemos da aplicação da metodologia às histórias com o Motivo. Primeiro, é preciso determinarmos o que entendemos como Motivo do Infante Exposto. Anteriormente apresentamos nossa definição do motivo e descrevemos de forma geral a estrutura básica das histórias que o contém. Porém, ainda é preciso definirmos dois outros fatores característicos do motivo que são cruciais para identificá-lo. Estes são: o infante, personagem central, e a exposição, ação ao redor da qual gira a história.

Começemos pelo infante. Nesse caso, seguimos conforme foi apontado por Lewis (1980, p. 197) que o Motivo é caracterizado pela exposição de recém-nascidos, sendo que histórias envolvendo crianças mais velhas compõem um fenômeno separado.

Quanto à exposição, ainda que venhamos a usar indistintamente exposição e abandono, é fundamental que se entenda que a exposição é um tipo particular de abandono, que configura deixar o recém-nascido *intencionalmente* em um local de difícil acesso. Aqui a intencionalidade é fundamental para a definição do Motivo; independente se o objetivo é salvar ou eliminar o recém-nascido, a exposição é sempre deliberada, nunca acidental.

Uma vez clarificada nossa definição do Motivo do Infante Exposto, é necessário determinar quais serão as histórias analisadas. Conforme dito anteriormente, isso foi feito com base nos trabalhos de Ranke e Lewis, selecionando neles as histórias escritas na Antiguidade. Ainda assim foi necessário um tratamento dessas histórias, pois os dois autores empregam uma concepção consideravelmente ampla do que seria a exposição, o ponto central do Motivo, havendo, em ambos os casos, a presença de histórias em que a exposição é implícita ou subentendida, isto é, não há um momento no texto no qual o

infante está propriamente exposto. Um exemplo dado por ambos os autores é a história do nascimento de Jesus (LEWIS, 1980, p. 164; RANK, 1914, p. 1914), porém em nenhum momento o infante é exposto de fato, uma vez que está sempre acompanhado de seus pais. Lewis (1980, p. 201) argumenta que a história poderia representar uma forma defeituosa ou incompleta do Motivo, tomando como base o argumento feito por Redford (1967, p. 218) de que a exposição pelo abandono em um local desértico é substituída pela fuga nos desertos egípcios. Devido à incerteza quanto a presença do Motivo, essa e outras histórias não foram consideradas em nossa análise inicial. Contudo, não são completamente descartadas, servindo posteriormente como controle dos resultados obtidos.

Definidas as histórias que compõem o material, então segue a sua análise. Esse processo se deu de forma praticamente idêntica à descrita por Propp: começa-se pela leitura comparativa dos enredos, separando os elementos constituintes em grandezas constantes e variáveis, isolando as constantes e em seguida descrevendo-as, definindo-as de forma reduzida e atribuindo-lhes símbolos convencionais. Após isso, é um esforço de revisão e comparação com o material de controle. O resultado desse trabalho será exposto a seguir.

### **2.3. As funções do Motivo**

Conforme dito anteriormente, da análise dos textos selecionados deduzimos 10 funções. Essas são, respectivamente: *previsão*; *proibição*; *concepção*; *ocultamento*; *descoberta*; *nascimento*; *preparação*; *exposição*; *proteção*; e *resgate*. Tal qual acontece no conto maravilhoso, as histórias do Motivo do Infante Abandonado também apresentam uma *situação inicial*, onde são introduzidos os personagens envolvidos na trama. Identifiquemos a situação inicial com o signo convencional  $\alpha$ . Além disso, o Motivo apresenta um segundo elemento morfológico que também não compõe uma função, que chamamos de *enaltecimento*. Diferente da situação inicial, o enaltecimento pode vir tanto ao começo como ao final do conto. Quando presente no início, age como uma justificativa para a escrita da história, apresentando quem é o herói e os seus feitos que o tornaram notável. Quando colocado no final, age como uma síntese da continuação da história, destacando o que o herói irá conquistar em sequência. Signo convencional  $\beta$ .

#### ***Enaltecimento inicial ( $\beta^i$ )***

“*Sargão, o poderoso rei, rei da Acádia, sou eu.*” – Sargão (SPEISER, 1974, tradução nossa)<sup>8</sup>

### ***Enaltecimento final (β<sup>f</sup>)***

“Ele uniu os povos bárbaros pelas leis; ele fora o primeiro a ensiná-los; ele fora o primeiro que os ensinou a adestrar bois para o arado e a cultivar milho na lavoura; e obrigou-os, em vez de alimentados encontrados na natureza, a adotar uma dieta melhor, talvez por desgosto do que comera na infância.” – Habis (WATSON, 1853, apud. CAMDEN, [s.d.], trad. nossa)<sup>9</sup>

Apresentemos cada uma das funções. É importante lembrar que a presença de todas não é obrigatória e funções podem vir a ser omitidas em algumas histórias. A única exceção que não pode ser omitida é a *exposição*, por se tratar do ponto central e caracterizante do Motivo.

**I. Se prevê que um nascimento trará grandes mudanças** (definição: *previsão*; designação: *A*);

1) A previsão se dá pela divinação, com auxílio do sobrenatural ou do divino, como por meio de profecias, augúrios ou sonhos;

“*Hécabe pensou em sonhos que estava dando à luz a uma tocha incandescente e que esta se alastrava por toda a cidade e a queimava.*” – Paris/Alexandre (CABRAL, 2013, p. 114)

2) A previsão é resultado de uma expectativa ou temor, sem interferência do sobrenatural;

“*Obtida assim a riqueza, Amúlio tornou-se, graças a ela, mais forte do que Numitor e pôde facilmente usurpar-lhe o trono. Receoso, no entanto, de que a filha de Numitor viesse a ter filhos, levou-a a consagrar-se a Vesta, obrigando-a assim a ficar para sempre solteira e donzela.*” – Rômulo e Remo (PLUTARCO, 2008, p. 117)

<sup>8</sup> Original: Sargon, the mighty king, king of Agade, am I.

<sup>9</sup> Original: He united the barbarous people by laws; he was the first that taught them to break oxen for the plough, and to raise corn from tillage; and he obliged them, instead of food procured from the wilds, to adopt a better diet, perhaps through dislike of what he had eaten in his childhood.

II. **São impostas limitações para prevenir o nascimento** (definição: *proibição*; designação: *B*);

1) As limitações são impostas de forma excepcional, especificamente para evitar o nascimento;

*“Temendo isso, Acrísio construiu uma câmara de bronze subterrânea e aí encerrou Dânae.”* – Perseu (CABRAL, 2013, p. 70)

2) As limitações existem a priori, independentes do nascimento, normalmente na forma de estigmas sociais.<sup>10</sup>

*“Vá,*

*Lord dos raios, à sua própria carruagem; por causa da minha virgindade,*

*Tal impropriedade é de fato miséria.*

*Somente o meu pai, a minha mãe e outros anciões*

*Têm o poder de conceder este corpo.*

*Neste mundo não violarei a lei: a proteção*

*Do corpo das mulheres é uma prática honrada.”* – Karna (JOHNSON, 2005, p. 249, trad. nossa)<sup>11</sup>

III. **A gravidez se concretiza** (definição: *concepção*; designação: *C*)

Constitui um elemento par com *B*, sendo a forma pela qual a *concepção* é realizada dependente da *proibição*.

1) As regras impostas na *proibição* são transgredidas e a mulher engravida;

*“Ela, porém, como dizem uns, havia sido seduzida por Preto e daí teve início a rivalidade entre ambos. Outros, no entanto, afirmam que Zeus*

<sup>10</sup> Essa manifestação da *proibição* é frequentemente omitida, pois estão subentendidas, uma vez que fariam parte do espaço de experiência do leitor, logo não havendo a necessidade de explicitá-las ou explicitá-las.

<sup>11</sup> Original: Go, / Lord of rays, to your own carriage; because of my / virginity, / Such impropriety is misery indeed. / Only my father, mother and other elders / Have the power to bestow this body. / In this world I shall not violate the law: the protection / Of women’s bodies is an honored practice.

*metamorfoseou-se em ouro e, insinuando-se através do teto para os seios de Dânae, a ela se uniu em amor.*” – Perseu (CABRAL, 2013, p. 70)

2) A criança é concebida sem nenhum impedimento;

*“Em tempos antigos, Meion se tornou rei da Frígia e da Lídia; e se casando com Dindyme, gerou uma filha infante”* – Cybele (DIODORO DA SICÍLIA, 1967, p. 269–271, trad. nossa)<sup>12</sup>

Conforme descrito por Propp (2001, p. 20), o segundo membro de uma função par pode vir a existir sem o primeiro. No Motivo, tais casos geralmente tratam de proibições sociais (similar à  $B^2$ ) subentendidas, que fariam parte do imaginário do interlocutor, logo não havendo a necessidade de explicitá-las ou explicitá-las. Essa situação pode ser descrita como:

3) A concepção quebra com regras implícitas;

#### **IV. A mãe tenta esconder a gravidez** (definição: *ocultamento*; designação: *D*);

O *ocultamento* pode ser motivado por diferentes fatores, como pressão social, ordens do pai, medo de represália, temor pela segurança da mãe ou do bebê. A forma pela qual se oculta também é variável e não é incomum que as histórias não detalhem como se esconde a gravidez, resumindo-se a dizer que ela foi ocultada.

*“Então Poseidon, assumindo as feições de Enipeu, deitou-se com Tiro, e ela gerou, às ocultas, dois filhos gêmeos”* – Neleus e Pélias (CABRAL, 2013, p. 56)

#### **V. Descobre-se que a mãe está grávida** (definição: *descoberta*; designação: *E*);

Esta é uma função par de *D*, sendo a forma como se descobre a gravidez dependente da forma como ela foi ocultada.

*“Descobriu-se, não muito tempo depois, que se encontrava grávida, contra os ditames estabelecidos para as Vestais”* – Rômulo e Remo (PLUTARCO, 2008, p. 117)

---

<sup>12</sup> Original: In ancient times Meion became king of Phrygia and Lydia; and marrying Dindyme he begat an infant daughter

É interessante destacar que a *descoberta* é a função de menor repetição. Como explicação temos uma hipótese. É provável que essa função tende a ser omitida devido à estrutura narrativa das histórias, pois a intriga de muitas delas depende da gravidez se tornar conhecida e de suas consequências. Assim, a *descoberta* já seria um pressuposto, havendo menor necessidade de torná-la explícita no texto.

**VI. Ocorre o parto e a criança nasce** (definição: *nascimento*; designação: *F*);

Uma expectativa intuitiva diria que essa função deveria representar um dos elementos centrais do motivo, pois é nela que se introduz o herói. Porém, o que ocorre na prática é que frequentemente o nascimento é relatado de forma resumida, sem apresentar muitos detalhes;

*“Enquanto era conduzida, Antíope deu à luz dois filhos, em Eleuteras, na Beócia”* – Anfíon e Zeto (CABRAL, 2013, p. 99)

**VII. Prepara-se para a exposição do infante** (definição: *preparação*; designação: *G*)

1) É confeccionado um receptáculo que receberá a criança, tal qual um cesto, uma arca ou um berço. Se tratando de uma exposição na água, o receptáculo é também selado como uma substância impermeável (betume, cera, piche);

*“Tendo assim decidido, construíram um cesto de juncos de papiro, moldados na forma de um berço, espaçosos o suficiente para dar ao infante amplo espaço para deitar-se; depois, revestindo-o com betume, aquela substância servindo para prevenir que a água penetrasse o vime, colocaram a jovem criança dentro”* – Moisés (JOSEFO, 1961, p. 259–261, trad. nossa)<sup>13</sup>

2) É selecionado o responsável por expor o infante. Essa forma ocorre apenas quando a exposição é feita contrária à vontade da mãe;

---

<sup>13</sup> Original: Having so determined, they constructed a basket of papyrus reeds, fashioned in the form of a cradle, spacious enough to give the infant ample room for repose; then, having daubed it with bitumen, that substance serving to prevent the water from penetrating through the wicker-work, they placed the young child within

“Tendo tomado todas as providências, Astíages, logo que Ciro nasceu, mandou chamar Hárpago, seu parente e aquele, entre todos os Medos, em quem mais confiava.” – Ciro (BROCA, 2019, p. 46–47)

3) São designados aqueles que serão responsáveis por vigiar o infante após a exposição;

“Ao saber disto e se assustar, Carcino expôs o infante em um local público e colocou homens para vigiá-lo para que morresse.” – Agátocles (DIODORO DA SICÍLIA, 1984, p. 231, trad. nossa)<sup>14</sup>

#### VIII. O infante é exposto (definição: *exposição*; designação: *H*);

1) O infante é exposto em um corpo de água. Temos apenas exemplos de exposição água corrente, como rios e mares, não havendo nenhum caso de exposição em massas de água fechadas, tal qual lagos ou lagoas. Isso provavelmente ocorre devido ao fato da exposição se feita com o propósito de eliminar ou afastar o infante, tornando a água corrente mais prática e factível;

“E assim que aquela criança nascera, a bela garota, tendo conversado com sua ama, o colocou em um cesto espaçoso, confortável e macio, selado com cera de abelha, bem fechado; e, chorando, lançou-o no Rio Ashva.” – Karna (JOHNSON, 2005, p. 257, trad. nossa)<sup>15</sup>

2) O infante é exposto em uma região selvagem ou erma, como uma floresta, um deserto ou uma caverna;

“Derceto entregou-se ao sírio e deu à luz uma filha, mas então, envergonhada de seu ato pecaminoso, matou o jovem e expôs a criança em uma região rochosa do deserto.” – Semiramis (DIODORO DA SICÍLIA, 1989, p. 359, trad. nossa)<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Original: Learning this and being frightened, Carcinus exposed the infant in a public place and set men to watch him that he might die.

<sup>15</sup> Original: And as soon as that child had been born, the beautiful girl, having talked with her nurse, placed him in a roomy basket, comfortable and soft, sealed with beeswax, securely fastened; and, weeping, she launched it on the River Ashva.

<sup>16</sup> Original: Derceto gave herself to the Syrian and bore a daughter, but then, filled with shame of her sinful deed, she killed the youth and exposed the child in a rocky desert region

**IX. Ocorre uma intercessão em favor do infante, garantindo-lhe sustento e proteção enquanto exposto** (definição: *proteção*; designação: *I*);

1) Algum agente divino intercede em favor da criança, de forma direta ou indireta;

*“Dias se passaram e quando o deus-sol novamente olhou do céu e viu a criança deitada indefesa no prado, ele chamou imediatamente seu servo e ordenou-lhe que descesse à terra e colocasse a criança na borda de uma rocha.”* – Mestre Bom e Mestre Mau (GASTER, 1952, p. 165, trad. nossa)<sup>17</sup>

2) Animais espontaneamente se aproximam do infante, alimentando-o e protegendo-o;

*“K'un-mo, ainda recém-nascido, foi abandonado no campo, mas os pássaros traziam-lhe carne e os lobos, leite”* – Kun-mo (GONÇALVES, 1971, p. 88)

**X. O infante é encontrado e acolhido** (definição: *resgate*; designação: *J*)

1) O resgate acontece por intervenção divina, direta ou indireta;

*“Meu irmão Apolo chamou-me: Irmão, vá até as crianças nascidas nas terras de Atenas, a gloriosa cidade sagrada. Vá até aquela caverna, pegue o bebê com seus panos e berços, leve-o ao meu santuário em Delfos e deixe-o à porta. Ele é meu filho. Eu cuidarei de tudo.”* – Ion (EURÍPEDES, 1996, p. 23–24, trad. nossa)<sup>18</sup>

2) O resgate se dá por acaso;

*“até que uns caçadores a encontraram e a criaram entre eles.”* – Atalanta (CABRAL, 2013, p. 108)

---

<sup>17</sup> Original: Days passed, and when the sun-god again looked down from heaven and saw the child lying helpless in the meadow, he called at once to his servant and bade him descend to the earth and place the child on the ledge of a rock.

<sup>18</sup> Original: My brother Apollo called for me: Brother, go to the earthborn children of Athens, the glorious sacred city. Go to that cave, get the baby with its swaddling clothes and cradle, bring him to my shrine at Delphi, and leave him at the door. He is my son. I will take care of everything.

3) O infante, após ser constatado que sobreviveu às intempéries, é resgatado por aquele que os expôs;

*“Por isso, seu pai, avisado por um comunicado dos adivinhos, que indicavam que poder soberano era previsto ao infante, levou-o novamente para casa e educou-o com todo cuidado, na esperança de que ele alcançasse a honra prometida.”* – Hiero (CAMDEN, [s.d.], p. WATSON, 1853, apud., trad. nossa)<sup>19</sup>

Assim identificamos dez funções no total, juntamente com dois outros elementos morfológicos que não compõem funções. Ainda, identificamos 2 pares de funções, sendo eles B-C e D-E. Além disso, é também possível reunir as funções em grupos; os grupos que identificamos são três: Gestação, Abandono e Acolhimento. As funções contidas no primeiro grupo são *A*, *B* e *C*, onde são detalhados os eventos que antecedem a chegada do herói; na Gestação temos as funções de *D* até *F*, compondo os acontecimentos que giram em torno do parto do herói; o Abandono consiste do eixo onde o herói é exposto e subsequentemente resgata, englobando as funções *G*, *H*, *I* e *J*. É interessante, também, notar que com uma certa frequência se encontra a repetição de certas funções dentro de algumas histórias, similar ao que é narrado por Propp (2001, p. 41–42) quanto aos *elementos que favorecem a triplicação*, apesar de não contarmos com um número constante de repetições no Motivo.

Por fim, vale destacar que certas funções podem trocar de lugar. Isso foi notado por Propp (2001, p. 60) quanto aos contos de magia e é novamente verdade aqui. Tais desvios não desafiam as conclusões quanto à existência de um modelo único, pois representam apenas oscilações e não novos sistemas ou eixos de composição. Um exemplo pode ser visto nas duas versões da história de Moisés, a presente no Livro do Êxodo e a escrita por Joséfo, onde encontramos uma inversão na ordem das funções, colocando o *ocultamento* após o *nascimento*, pois se esconde a criança recém-nascida e não a gravidez. Enquanto a inversão é notada, ela não altera de forma significativa a disposição das demais funções ou mesmo a narrativa, que segue de forma bastante similar às demais

---

<sup>19</sup> Original: Hence his father, admonished by a communication from the soothsayers, who signified that sovereign power was foreboded to the infant, took him home again, and brought him up most carefully with the hope that he would attain the promised honour.

histórias de exposição. Ainda, fomos capazes de identificar um padrão para tais desvios: eles sempre acontecem contidos dentro dos grupos apontados acima. Não há casos de movimentação entre funções de grupos diferentes ou entre funções fora dos grupos.

#### 2.4. Exemplo de estrutura morfológica

Para demonstramos os resultados obtidos acima, observemos a história de Sargão a partir de uma perspectiva morfológica:

A Lenda de Sargão <sup>20</sup>	Estrutura morfológica
Sargão, o poderoso rei, rei da Acádia sou eu.	$\beta^i$ ( <i>enaltecimento inicial</i> )
Minha mãe era uma alta sacerdotisa, meu pai eu não conheci. Os irmãos de meu pai <i>amavam</i> as colinas. Minha cidade é Azupiranu, que é situada nos bancos do Eufrates.	$\alpha$ ( <i>situação inicial</i> )
Minha mãe, a alta sacerdotisa, me concebeu, em segredo me deu à luz.	$B^2$ ( <i>proibição a priori</i> ) <sup>21</sup> , $C^1$ ( <i>concepção com transgressão</i> ), F ( <i>nascimento</i> )
Ela me colocou em um cesto de juncos, com betume ela selou minha tampa.	$G^1$ ( <i>preparação com confecção de um cesto</i> )
Ela me lançou ao rio que não subiu sobre mim. O rio me carregou e me levou até Akki, o sacado de água.	$H^1$ ( <i>exposição na água</i> )
Akki, o sacador de água, levantou-me enquanto mergulhava seu jarro. Akki, o sacador de água, me tomou como seu filho e me criou.	$J^2$ ( <i>resgate por acaso</i> )
Akki, o sacador de água, me designou como seu jardineiro.	$\beta^f$ ( <i>enaltecimento final</i> )

<sup>20</sup> Tradução para o português feita por nós, com base na tradução para o inglês de Speiser (1974).

<sup>21</sup> Apesar da posição sacerdotal não delinear explicitamente uma proibição, o fato do nascimento se dar em segredo é um bom indício de que, no mínimo, a gravidez seria malvista socialmente. Portanto, assumiremos aqui que há uma proibição.

Enquanto eu era jardineiro, Ishtar me deu seu  
amor,  
E por quatro e [...] anos eu exerci a realeza.<sup>22</sup>

Assim, a história de Sargão segue a seguinte fórmula:

$$\beta^i \alpha B^2 C^1 F G^1 H^1 J^2 \beta^f$$

## 2.5. Exceções e anomalias

Algumas das histórias analisadas apresentam desvios às regras descritas acima. Esses desvios não desqualificam os resultados obtidos, pois representam apenas certas idiosincrasias das histórias em questão. Tais peculiaridades possivelmente são reflexo dos diferentes contextos socioculturais nos quais as histórias foram escritas, que acabaram por alterar a forma do Motivo. Há, portanto, o espaço para estudos futuros que busquem identificar as razões para esses desvios do padrão.

Abaixo estão todas as anomalias identificadas.

I - No mito de Moisés presente no Livro do Êxodo há uma peculiaridade quanto à *previsão*. Enquanto na versão da história escrita por Joséfo, temos uma versão de  $A^1$  bastante comum, com um vidente alertando o faraó do nascimento de um herói libertador entre os hebreus, já na versão contida em Êxodo, a função é do tipo  $A^2$ . Porém nesse caso o medo do faraó não é em relação a um herói específico, mas de que a população hebraica crescia rapidamente e poderiam fugir ao controle egípcio. Essa manifestação peculiar de  $A^2$  só é encontrada na história de Moisés contida em Êxodo.

*“E então surgiu um novo rei sobre o Egito que não conhecia José. E ele disse a seu povo, ‘Vejam, o povo israelita é demasiado numeroso e forte para nós. Vamos, tratemo-los com astúcia, para que não se multipliquem e, em caso de guerra, se juntem aos nossos inimigos na luta contra nós e saiam da terra.’”* (CHILDS, 1976, p. 4, trad. nossa)<sup>23</sup>

<sup>22</sup> O texto continua, com Sargão contando suas demais proezas e dando concelhos aos reis que lhe sucederem.

<sup>23</sup> Original: Then there arose a new king over Egypt who did not know Joseph. And he said to his people, ‘Look, the Israelite people are too numerous and strong for us. Come on, let’s deal shrewdly with them, lest

II – No mito de Hércules nos deparamos com uma fusão de *A* e *C*, onde a longa duração da cópula entre Zeus e Alcmena é tomada como um presságio da força excepcional que Hércules viria a ter. É o único caso de fusão de funções. E ainda assim, essa fusão é debatível, pois a concepção é posteriormente reiterada no texto, agora sem a previsão.

*“[...] pela magnitude do tempo despendido na procriação, ele pressagiava o poder excepcional da criança que seria gerada.”* (DIODORO DA SICÍLIA, 1967, p. 369, trad. nossa)<sup>24</sup>

III – Na história de Ciro encontramos um jogo com a narrativa esperada do Motivo, sendo Ciro substituído com um natimorto e, portanto, não sendo exposto. Porém, enquanto isso representa uma mudança na narrativa do mito, a estrutura morfológica permanece a mesma, apenas com *J* trocando de lugar com *H*, sendo *I* omitido.

*“Aceitando as justas considerações da mulher, Mitridates não hesitou em seguir-lhe o conselho. Entregou-lhe a criança e, tomando o filho morto, colocou-o no berço do jovem príncipe, com todos os enfeites, indo abandoná-lo na montanha mais deserta.”* (BROCA, 2019, p. 48)

IV – A história de Habis representa um dos casos mais peculiares. Nela encontramos duas particularidades quanto à *H*. Primeiro, é o único caso no qual ocorrem múltiplas exposições, mais especificamente quatro, sendo que Habis só é resgatado propriamente da primeira e da quarta. Ademais, a natureza das exposições também chama à atenção. Não só a história de Habis apresenta ambos os tipos de exposição detalhados, na água e nos ermos, como também apresenta uma manifestação que é exclusiva a essa história e por isso não cabe qualificá-la dentro da função. É possível que essa manifestação faça parte de um padrão que venha a se manifestar mais propriamente em um escopo posterior ao aqui analisado, mas para tal são necessários novos estudos. Essa manifestação se trata da exposição no ambiente civilizado ou urbano, pois Habis, após ser exposto na mata selvagem, é lançado primeiro em uma estrada onde passam rebanhos de gado e depois à cães e porcos famintos.

---

they increase and, in the event of war, should join forces with our enemies in fighting against us and go out of the land.

<sup>24</sup> Original: by the magnitude of the time expended on the procreation he the presaged the exceptional might of the child which would be begotten.

*“Primeiro ordenou que o expusessem, para que passasse fome, e quando alguns dias depois mandou procurar seu corpo, ele foi encontrado amamentado pelo leite de vários animais selvagens. Quando o trouxeram para casa, mandou atirá-lo em um caminho estreito, por onde passavam rebanhos de gado; sendo tão cruel que preferia ter o neto pisoteado, do que morto por uma morte fácil. Como também ficou ileso neste caso, e não necessitava de comida, ele o jogou aos cães famintos, que estavam exasperados pela falta de comida por vários dias, e depois aos porcos, mas ele não só estava ileso, como até mesmo se alimentava com as tetas de alguns dos porcos, ordenou finalmente que o atirassem no mar.”* (WATSON, 1853, apud. CAMDEN, [s.d.], trad. nossa)<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Original: First of all he ordered him to be exposed, that he might be starved, and, when he sent some days after to look for his body, he was found nursed by the milk of various wild beasts. When he was brought home, he caused him to be thrown down in a narrow road, along which herds of cattle used to pass; being so cruel that he would rather have his grandchild trampled to pieces, than despatched by an easy death. As he was unhurt also in this case, and required no food, he threw him to hungry dogs, that had been exasperated by want of food for several days, and afterwards to swine, but as he was not only uninjured, but even fed with the teats of some of the swine, he ordered him at last to be cast into the sea.

### **3 – O Motivo do Infante Exposto e a Eurásia**

#### **3.1. O Motivo em trânsito na Eurásia antiga**

Conforme vimos no Capítulo 1, ao tratar do Motivo do Infante Exposto nos deparamos com sua presença em diversas histórias ao redor da Eurásia durante a Idade do Bronze Tardia, a Idade do Ferro e a Antiguidade Clássica. Mais precisamente, temos exemplares: hititas, dos séculos XVI/XV e XIII AEC; assírios, datados entre XII e VII AEC; chineses, de II AEC; gregos, produzido de V AEC até II EC; romanos, escritos do I AEC até III EC; e hindus, datado entre IV AEC e IV EC. Geograficamente, estamos tratando do Oriente Próximo, mais especificamente da Anatólia, do Levante e da Mesopotâmia, da China, das penínsulas helênica e itálica e do subcontinente indiano.

A partir de tais informações, creio que seja proveitoso tomarmos o Motivo como ponto de partida para observar as interconexões eurasiáticas. A intenção não é dar crédito à hipótese do empréstimo determinando possíveis pontos de origem ou de quando e onde o Motivo passaria de uma cultura para outra; esse seria um método falho, o que fica especialmente claro pela ausência do Motivo no Egito (REDFORD, 1967, p. 219–224), que estava em constante contato com o Oriente Próximo desde o Neolítico (HALLO, 2020, p. 105). O intuito aqui é usar o Motivo como um ponto de partida para pensar as conexões não só físicas, como também culturais de diversos povos que habitavam o continente eurasiático.

Dito isso, as Rotas da Seda foram o principal meio pelo qual os povos dos quais tratamos entravam em contato. As Rotas da Seda são costumeiramente datadas durante o período clássico, isto é, de c. 500 AEC até c. 500 CE, quando há a formação de grandes estados imperiais, que abrangiam amplos territórios e passavam a fazer fronteiras com outros impérios, e um subsequente aumento na construção de estradas e pontes que não só serviam para propósitos administrativos e militares, como também reduziam os riscos e os custos do comércio de longa distância, encorajando as trocas e a comunicação tanto com vizinhos próximos, tanto com povos mais distantes (BENTLEY et al., 2015, p. 240). Durante esse período, possuímos diversas evidências documentais dos contatos entre diferentes culturas e das formas como esses povos foram impactados pelos intercâmbios. Portanto, muitas das conexões acontecem no contexto dessas Rotas, em especial as mais recentes, como é o caso do contato entre Roma e Índia.

Porém, o Motivo está presente em fontes bem anteriores ao século VI AEC, de modo que também olharemos para o cenário que antecede às Rotas da Seda. Nesses casos, registros documentais são mais esparsos, portanto, evidências arqueológicas se tornam cruciais para determinar a existência de interconexões.

Regiões próximas geograficamente serão agrupadas em macrorregiões, de modo que falaremos de quatro macrorregiões, grandes áreas de povos geograficamente próximos cujos intercâmbios já são bem estabelecidos na historiografia: o Mediterrâneo, centrado na Grécia e em Roma; o Oriente Próximo, agrupando populações semitas e hurro-hititas; a China, que compreende as diversas dinastias que se sucederam e coexistiram na região, assim como seus vizinhos imediatos; e a Índia, nos referindo aos habitantes do espaço entre o Oceano Índico e os Himalaias.

Ainda, embora falemos de trocas, contatos e viagens em termos absolutos, é crucial frisar que indivíduos raramente faziam a viagem completa de um extremo da Eurásia ao outro, sendo que mesmo o comércio de longa distância era feito em estágios, tanto por motivos práticos, tanto pelo fato que certas rotas eram reservadas por poderes políticos e militares aos seus próprios mercadores (BENTLEY et al., 2015, p. 244). Porém, apesar de ser improvável que um único indivíduo se envolvesse em todas as etapas do processo, partiremos do princípio que trocas comerciais e de tecnologias também implicam em trocas culturais, sendo que a transferência de bens afeta seus produtores, transmissores e receptores para além do aspecto material.

Além disso, consideramos as zonas de contato não são apenas como espaços físicos, mas também sociais e políticos, nos quais as relações podem ser simétricas ou assimétricas – o que significa que, enquanto bens e ideias não circulavam apenas em uma direção, a intensidade do tráfico poderia ser desproporcional para um dos lados do circuito (AMBOS, 2020, p. 33). Ademais, entende-se que o mundo antigo estava em constante mudança e expansão, de modo que as culturas eram permeáveis, sendo sujeitas tanto a processos internos, como a fenômenos exógenos; assim, qualquer material estrangeiro é passível de ser alvo de seleções, adaptações e modificações, que não podem ser ignoradas, mas que também não devem obscurecer o ato de “emprestar” (BURKERT, 1995, p. 7).

### 3.2. Possíveis interconexões eurasiáticas

Começamos pelo Oriente Próximo, onde encontramos as fontes mais antigas. Apesar de ter agrupado sido como uma macrorregião, se trata de um território consideravelmente amplo e de povos que viviam nas extremidades desse território: hititas ao Norte, na Anatólia; assírios ao Leste, na Mesopotâmia; e hebreus ao Oeste, na costa oriental do Mediterrâneo. Portanto, é pertinente tratarmos brevemente das interconexões internas do Oriente Próximo, como forma de explicar sua classificação como macrorregião.

Nas bibliotecas hititas, como a de Bogazköy, onde foram encontradas algumas de nossas fontes, são encontradas diversas fontes escritas derivadas da oralidade, tornando-as repositórios que permitem visualizar tradições orais do Oriente Próximo da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (BACHVAROVA, 2016, p. 1). Em Hattusa, escritas hititas praticavam a escrita cuneiforme em acadiano por meio da cópia de textos mito-históricos e sapienciais da Acádia, como a Epopeia de Gilgamesh, e tais cópias preservaram muitas características do meio da oralidade em sua escrita, registrando diferentes versões dos textos em múltiplas línguas, demonstrando que não seguiam um texto único e fixo. Ainda, certas características linguísticas e estruturais de alguns dos textos preservados se afastam do acadiano hitita e se aproximam do babilônio, a partir do que é seguro concluir que os escribas hititas eram relativamente próximos das tradições orais mesopotâmicas, havendo em seu meio ao menos um número relevante de escribas fluentes em acadiano e em contato com sua tradição oral corrente. Por fim, a tradição hurro-hitita tomava para si elementos originalmente mesopotâmicos, à exemplo de Gilgamesh, cuja história na Canção de Gilgamesh não pode ser traçada a um exemplar acadiano existente, possivelmente representando um reflexo da tradição oral ou uma composição independente baseada em materiais mais antigos (BACHVAROVA, 2016, p. 60–64).

No que concerne às conexões dos hebreus aos demais povos do Oriente Próximo, a primeira constatação advém do fato que o hebreu pertence ao grupo linguístico semita, do qual faziam parte línguas faladas por importantes populações da região. As conexões com os mesopotâmicos também podem ser atestadas em abundância nos textos bíblicos. Mesmo que tomemos todos os relatos com grande ceticismo, a mera constância da presença dos povos mesopotâmicos nas narrativas bíblicas seria por si só um indício da ubiquidade e da importância cultural dos mesopotâmicos para os hebreus.

Desde o Neolítico, povos que habitavam as margens orientais do Mediterrâneo estão em contato com a Mesopotâmia e com o Egito, participando ativamente dos desenvolvimentos históricos, políticos e culturais, atuando como uma ponte terrestre entre as regiões. Durante a Idade do Bronze, na costa leste do Mediterrâneo se formaram cidades-estados, como Ebla, que tinham relações comerciais, diplomáticas e militares extensas com o restante do Oriente Próximo, tanto para o norte, na Anatólia, quanto para além do Tigre e do Eufrates. Quando os hebreus passam a se organizar em uma força relevante na região, se inserem nessas redes de contato existentes, sendo afetados pelos e afetando os desenvolvimentos históricos de seus vizinhos (HALLO, 2020, p. 105–107 e 110–113).

Seguiremos agora rumo ao leste, começando pelas interconexões entre o Oriente Próximo e o subcontinente indiano. A princípio, a ideia pode parecer ligeiramente absurda, dada a grande distância, coberta por desertos e montanhas, entre os dois povos. Porém, apesar das barreiras geográficas, tal contato é historicamente intenso, matizado e quase uma constante histórica. Foram diversos os impérios – partos, aquemênidas, helênicos, assírios, para citar alguns – que se aproximaram do subcontinente indiano vindos do Oeste. O contato tendia a ser impulsionado por vetores ocidentais adentrando rumo ao Leste, sendo limitada a expansão militar dos povos indianos no sentido contrário.

O comércio entre as duas regiões, tanto por vias terrestres, como por mar, pode ser constatado em pequena escala desde o quinto milênio AEC, facilitado por intermediários, e, a partir do final do terceiro milênio, durante o império da Acádia, passa também a existir contato direto, com a presença de mercadores de ambas as regiões nos dois lados das redes de troca, havendo, inclusive, tradutores especializados nas línguas estrangeiras.

A presença mesopotâmica na Índia possivelmente se estendia apenas até o Macrão e o Baluchistão, sendo escassas as evidências além desses pontos; enquanto isso, foram encontrados selos e artefatos hindus na Mesopotâmia central e evidências arqueológicas e textuais sugerem a migração permanente de indivíduos do Vale do Indo para a Mesopotâmia. As relações parecem ter sido pautadas de um lado pelo atrativo das matérias-primas e dos bens de luxo indianos para os mesopotâmicos, e do outro as inovações tecnológicas e culturais da Mesopotâmia, que atraíam não só mercadores, mas

também soldados, artistas, sacerdotes e nobres (AMBOS, 2020, p. 35–37; PARPOLA, 2014, p. 59–62). Desse modo, apesar da dificuldade em precisar quais elementos são resultado dessas interações (JONES, 2015, p. 1880; PLOFKER, 2009, p. 42), a existência do contato entre o Oriente Próximo e o subcontinente indiano não é controversa e se pode afirmar a existência de uma zona de contato regular, na qual transitavam bens, pessoas e ideias.

As relações dos indianos com os chineses são incontestas a partir do primeiro século da Era Comum, com a chegada do budismo tendo grande impacto na cultura e ciência chinesas. A existência de contato anterior é disputada, porém, evidências linguísticas, arqueológicas e simbólicas nos indicam interações que possivelmente datam do terceiro milênio AEC, antes da separação dos falantes de línguas indo-iranianas, por meio das estepes da Ásia Central. Com a separação, por volta do começo do segundo milênio, o subgrupo iraniano se dissemina pela Ásia Central, enquanto os falantes de línguas índicas migraram para o sul, se estabelecendo na Ásia Meridional; os contatos com os índicos passariam, então, a ser pelo sudoeste (MAIR, 2004, p. 81–84).

Foquemos primeiro no contato com os índicos. No atual oeste da China, na província de Qinghai, no distrito de Huangzhong<sup>26</sup>, foi encontrada uma concha datada de 1000 AEC, trabalhada como ornamento ou instrumento de forma similar a práticas hindus, além de ser da espécie *Turbinella pyruin*, comumente encontrada no Golfo de Bengala e no Oceano Índico; dada à sua localização em Qinghai, provavelmente a concha foi transportada pela Ásia Central ou pelo Tibet. Em contrapartida, na Índia, a palavra *cīnapatta*, significando seda chinesa, aparece no tratado econômico e administrativo *Arthaśāstra*, datado entre os séculos IV e III AEC, consideravelmente antes da chegada do budismo na China (MAIR, 2004, p. 87–88).

No que tange às interações da China com o Ocidente, o contato também era significativo. As estepes do norte e noroeste da Ásia Central, em especial a região de Xinjiang, atual extremo oeste chinês, permanecem palco para constante intercâmbio entre culturas e tecnologias vindas do Leste e do Oeste. Na segunda metade do segundo milênio

---

<sup>26</sup> A província de Qinghai é vizinha do Tibet e de Xinjiang, além de ser próxima da Mongólia e da Mongólia Interior. Ainda, o distrito de Huangzhong é relativamente próximo do Corredor de Hexi, um trecho de terra arável e transponível entre as terras áridas e altas do Platô Tibetano e o deserto de Gobi. Desse modo, faz parte de uma região historicamente disputada, sendo inclusive parte importante das Rotas da Seda.

AEC, carruagens de guerra em estilos assírio e carruagens reais típicas das culturas iranianas podem ser encontrados na capital da dinastia Shang, centrada na atual província de Henan, na China central. Além disso, evidências arqueológicas datadas entre os séculos VIII e V AEC apontam a possível presença de soldados neo-assírios na região de Turpan, na província de Xinjiang, no extremo Oeste da China. Influências externas continuam a adentrar a China de forma contínua durante o primeiro milênio AEC, vindas das estepes, da Ásia Central e até mesmo do Mar Negro, com pastores da estepe ativos nas margens centrais do rio Yangtze, no sudoeste da China, onde atualmente é a província de Yunnan (DIDIER, 2009, p. 66–68 e 73–75; MAIR, 2004, p. 85–86; WERTMANN et al., 2022, p. 112 e 122).

Com a unificação dos povos iranianos pelos persas, por volta do século V AEC, se cria uma situação de relativa ordem e segurança, favorável à passagem de mercadores que passam a carregar com maior intensidade bens e ideias do Oeste para o Extremo Oriente e vice-versa. Essa situação é sucedida pelas conquistas de Alexandre da Macedônia e a subsequente formação dos reinos helenísticos, que estimulam ainda mais o intercâmbio e a mistura de cosmovisões. As transformações provocadas pelos dois movimentos de conquista afetaram até mesmo locais onde não houve contato direto (MAIR, 2004, p. 90–91). É interessante notar que o contato dos chineses com o Ocidente se dava em grande parte por meio das estepes e de seus habitantes, sendo que é justamente de um desses povos, os xiongnu, de onde se origina o relato chinês contendo o Motivo.

Por fim, nos voltemos para o oeste, para analisarmos as relações dos mediterrâneos com os demais povos tratados acima. Walter Burkert (1995, p. 5–6) identifica dois momentos de intenso contato entre os habitantes do Mar Egeu e os do Oriente Próximo. O primeiro se dá na Idade do Bronze, evidenciado por importações micênicas em Ugarit, sendo Alásia-Chipre o nexo das conexões Leste-Oeste; o segundo, chamado por ele de “orientalizing period”, isto é, “período orientalizante”, ocorre entre 750 e 650 AEC, quando habilidades e imagens, assim como a arte semítica da escrita, foram transmitidas para os gregos. A conexão entre a Grécia e o Oriente Próximo era de mão dupla. De um lado, fenícios e hititas na Anatólia, no Chipre e em Cartago serviam como intermediários para o contato entre Oriente Próximo e gregos; por outro lado, os gregos também fizeram avanços rumo ao leste do Mediterrâneo, com o estabelecimento

de pontos de troca e de cidades independentes (BACHVAROVA, 2016, p. 1; BURKERT, 1995, p. 21).

Esses contatos se davam de diferentes formas. Na Idade do Bronze Tardia e no começo da Idade do Ferro, dois grupos eram particularmente capazes de simultaneamente influenciar aqueles dentro de suas redes de contato e ser influenciados por forças externas a elas. O primeiro era os artistas, que apesar de livres, não eram agentes independentes, pois representavam grupos maiores, respondendo a limitações e demandas externas, seguindo os objetivos de suas sociedades e buscando sucesso e reconhecimento. Artistas faziam parte de múltiplas redes e suas viagens os apresentavam amplas oportunidades para encontrar e absorver novas ideias e levá-las a novas audiências. Ainda, eles necessitavam de adaptar-se as audiências regionais, estimulando-os a incorporar a novidade e aspectos locais ao seu repertório, pois apresentar mitos locais poderia lhes ajudar a se estabelecer como detentores da “autoridade sobre o conhecimento distante” (BACHVAROVA, 2016, p. 199 e 212).

Um espaço importante de atuação dos artistas itinerantes eram os festivais, que podiam ser importados e exportados e atraíam públicos locais e estrangeiros, sendo assim um mecanismo intencional e formal de transmissão de arte verbal através de fronteiras linguísticas e geográficas, impactando diretamente na disseminação de narrativas e motivos. Eles eram, ao mesmo tempo, meios pelos quais as trocas interculturais ocorriam e exemplos do que era trocado, uma vez que artistas e seus patronos ganhavam acesso a e emulavam novos estilos musicais e narrativos. Tal processo era facilitado pela existência de similaridades entre as culturas de festivais no Oriente Próximo e na Grécia, permitindo a integração de artistas estrangeiros em festivais locais, de modo que diferentes membros do público fizessem analogias entre os seus costumes e os costumes exóticos aos quais eram apresentados. (Ibid., 2016, p. 219–226 e 263)

Por sua vez, as elites, pelo seu alto estatuto, exerciam influência desproporcional a nível local, sendo capazes de mobilizar recursos para a realização de cerimônias públicas que atraíam públicos próximos e distantes, se tornando um meio fértil para a interação entre artistas e audiências. No leste do Mediterrâneo, durante a Idade do Bronze Tardia, a troca de itens de luxo entre as casas reais era enquadrada como uma troca de presentes entre irmão, seguindo um “Estilo Internacional”, conscientemente híbrido, que

traria prestígio por inserir seus participantes em uma rede supralocal de elites. Assim, a coleta e exposição de bens exóticos – que se não importados ou feitos por artesãos importados, tentavam imitar estilos estrangeiros – tornava-se uma estratégia para demonstrar a inclusão do indivíduo a tal irmandade. Nesse contexto, artistas, curandeiros e artesãos estrangeiros eram também coletados como objetos esotéricos que garantiam prestígio às cortes que os tinham, o que por sua vez promovia contatos culturais mais próximos, transmitindo não só produtos, como também técnicas. Essa prática pode ser observada do terceiro milênio até o século VI AEC, com um aumento considerável na migração de artesãos orientais para a Grécia a partir do final do século IX AEC (BACHVAROVA, 2016, p. 207–209, 212 e 218; BURKERT, 1995, p. 21–25).

No que concerne aos romanos, primeiramente as transferências culturais com seus vizinhos gregos já é bem documentada, uma vez que a cultura grega marca de forma constante a história romana, sendo a adoção da influência cultural estrangeira simultaneamente um símbolo de status e uma fonte de tensões internas na sociedade romana (WALLACE-HADRILL, 1998, p. 79–86).

Quanto às relações mais ao leste, as ligações do Mediterrâneo com o Oriente Próximo, com a Índia e com a China já estão bem estabelecidas com base no que foi exposto acima e os romanos se inseriam nessas redes de contato de diferentes formas: por meio de intermediários, como seus aliados italianos, que, a partir do século III AEC, participavam do comércio mediterrâneo sob a proteção romana; pelo comércio direto, que atinge seu ápice nos dois primeiros séculos da Era Comum, com Roma recebendo bens orientais por vias que atravessavam a Península Arábica, a Mesopotâmia, o Mar Vermelho e o Oceano Índico; e por meio do financiamento de viagens comerciais em conjunto com investidores estrangeiros (COBB, 2013, p. 136; MAYER, 2018, p. 562–563; ROSELAAR, 2012, p. 141). Não só isso, à medida que os romanos conquistavam novos territórios, também integravam rotas terrestres e marítimas existentes ao seu próprio sistema de estradas e esses canais de comunicação por vezes se estendiam para muito além do império, como era o caso das Rotas da Seda e da Rota do Incenso (KOLB; SPEIDEL, 2016, p. 151–154).

Muitos dos bens advindos do Leste eram incorporados de tal forma à cultura romana que, apesar de serem comercializados com altos preços, ganhavam importância

medicinal, ritual e culinária, ao ponto de serem consideradas ao mesmo tempo itens de luxo e necessidades e obrigações morais (COBB, 2013, p. 137–139).

Com isso, finalizamos a demonstração das zonas de contato que existiam na Eurásia antiga. A partir das informações que nos são disponíveis graças a registros textuais, aos estudos linguísticos e a vestígios arqueológicos, é possível determinar que o mundo eurasiático estava em constante interação por via do comércio, junto ao qual circulavam pessoas, tecnologias e culturas. Zonas de contato particularmente significativas eram as estepes da Ásia Central, o Planalto Iraniano e o Oriente Próximo, com destaque para o Levante e a Anatólia, que, por sua localização geográfica entre o Mediterrâneo e o Extremo Oriente, atuam como pontos de confluência aos quais se direcionavam indivíduos de diferentes cenários, mesmo que apenas de passagem para um destino mais além. Desse modo, podemos imaginar um mundo eurasiático no qual havia movimento constante de pessoas e de culturas, transitando por terra e por mar, trocando bens materiais e imateriais. É importante notar que essas são algumas das rotas que podem ser traçadas dentro do recorte proposto deste trabalho; caso nos permitamos extrapolá-lo, podemos estender o contato ao Sudeste Asiático, ao Japão, adentrando ao norte, onde hoje são territórios russos, ao Egito e ao restante do norte africano. Com certa cautela, até mesmo algumas regiões mais distantes poderiam ser incluídas, frente a evidências históricas e arqueológicas, criando uma rede, não-uniforme, não-linear e, sobretudo, não-contínua, que ligue não só a Eurásia, da península coreana às ilhas britânicas, como também incluía partes da África Subsaariana e das Ilhas Polinésias.

## Fontes

Agátocles – Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica*, 9.2.2-7 em (DIODORO DA SICÍLIA, 1984, p. 229–233)

Anfião e Zeto – Apolodoro, *Biblioteca*, 3.5.5 em (FRAZER, 1921, apud. AT SMA, [s.d.]; CABRAL, 2013, p. 99–100)

Atalanta – Apolodoro, *Biblioteca*, 3.9.2 em (FRAZER, 1921, apud. AT SMA, [s.d.]; CABRAL, 2013, p. 108)

Cibebe – Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica*, 3.58 em (DIODORO DA SICÍLIA, 1967, p. 269–273)

Ciro – Heródoto, *História*, 1.107-130 em (BROCA, 2019, p. 46–52)

Deus sol e a vaca – *Mestre Bom e Mestre Mau* em (GASTER, 1952, p. 159–171)

Édipo – Sófocles, *Édipo Rei*, 845-1395 em (SÓFOCLES, 2002, p. 52–81)

Habis – Marco Juniano Justino, *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, 44.4 em (WATSON, 1853, apud. CAMDEN, [s.d.])

Hércules – Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica*, 4.9 em (DIODORO DA SICÍLIA, 1967, p. 369–371)

Hierão – Marco Juniano Justino, *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, 23.4 em (WATSON, 1853, apud. CAMDEN, [s.d.])

Íamos – Píndaro, *Olímpica 6* em (PÍNDARO, 2018, p. 101–108)

Ion – Eurípedes, *Ion*, 1-70 em (EURÍPEDES, 1996, p. 23–25)

Karna – Vyasa, *Mahābhārata*, 303.1-309.17 em (JOHNSON, 2005, p. 233–263)

K'un-mo – Sima Qian, *Shiji*, 123 em (GONÇALVES, 1971, p. 88–89; SIMA, 1961, p. 271)

Moisés – *Êxodo*, 1.8-2.10 em (CHILDS, 1976, p. 4–5)

Moisés – Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 4.1-5 em (JOSEFO, 1961, p. 253–263)

Neleu e Pélias – Apolodoro, *Biblioteca*, 1.9.8-10 em (FRAZER, 1921, apud. AT SMA, [s.d.]; CABRAL, 2013, p. 56–57)

Páris/Alexandre – Apolodoro, *Biblioteca*, 3.12.5 em (FRAZER, 1921, apud. AT SMA, [s.d.]; CABRAL, 2013, p. 114–115)

Perseu – Apolodoro, *Biblioteca*, 2.4.1 em (FRAZER, 1921, apud. AT SMA, [s.d.]; CABRAL, 2013, p. 70)

Romulo e Remo – Plutarco, *Romulus* 2.4-8 em (PLUTARCO, 2008, p. 115–116)

Romulo e Remo – Plutarco, *Romulus* 3-4 em (PLUTARCO, 2008, p. 116–119)

Romulo e Remo – Tito Lívio, *História de Roma*, 1.4 em (LÍVIO, 1989, p. 25–26)

Sargão – *A Lenda de Sargão* em (SPEISER, 1974)

Semíramis – Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica*, 2.4 em (DIODORO DA SICÍLIA, 1989, p. 357–361)

Télefo – Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica*, 4.33.6-11 em (DIODORO DA SICÍLIA, 1967, p. 451–453)

## **Bibliografia**

AMBOS, C. Reconsidering the nature of the contacts between the cuneiform cultures of the Near East and India. *Die Welt des Orients*, v. 50, n. 1, p. 31–78, 9 jun. 2020.

AT SMA, A. J. **APOLLODORUS, THE LIBRARY BOOK 3 - Theoi Classical Texts Library**. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Text/Apollodorus3.html>>. Acesso em: 6 nov. 2023a.

AT SMA, A. J. **APOLLODORUS, THE LIBRARY BOOK 1 - Theoi Classical Texts Library**. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Text/Apollodorus1.html>>. Acesso em: 6 nov. 2023b.

AT SMA, A. J. **APOLLODORUS, THE LIBRARY BOOK 2 - Theoi Classical Texts Library**. Disponível em: <<https://www.theoi.com/Text/Apollodorus2.html>>. Acesso em: 6 nov. 2023c.

BACHVAROVA, M. R. **From Hittite to Homer: the Anatolian background of ancient Greek epic**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

BENTLEY, J. H. et al. Cross-Cultural Exchanges on the Silk Roads: During the Late Classical Era. Em: **Traditions & encounters: a global perspective on the past**. Sixth edition ed. New York, N.Y.: McGraw-Hill Education, 2015. p. 238–261.

BROCA, J. B. (TRAD.). **História: o relato clássico da guerra entre gregos e persas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BURKERT, W. **The orientaling revolution: Near Eastern influence on Greek culture in the early archaic age**. 1. ed. Cambridge; Londres: Harvard University Press, 1995.

CABRAL, L. A. M. **A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia**. Doutorado—Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2013.

CAMDEN, D. **Justin: Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus, Book 44**. Disponível em:  
<<http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/trans44.html>>. Acesso em: 5 nov. 2023a.

CAMDEN, D. **Justin: Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus, Book 23**. Disponível em:  
<<http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/trans23.html>>. Acesso em: 5 nov. 2023b.

CHILDS, B. S. The Birth of Moses. **Journal of Biblical Literature**, v. 84, n. 2, p. 109–122, jun. 1965.

CHILDS, B. S. **The Book of Exodus: a critical, theological commentary**. 3. print ed. Louisville, Ky: Westminster, John Knox Press, 1976.

COBB, M. A. The Reception and Consumption of Eastern Goods in Roman Society. **Greece & Rome**, v. 60, n. 1, p. 136–152, 2013.

DIDIER, J. The Interactive Eurasian World, c. 9000–500 BC. Em: **In and Outside the Square: The Sky and the Power of Belief in Ancient China and the World, c. 4,500 BC – AD 200. Volume I: The Ancient Eurasian World and the Celestial Pivot**. Philadelphia: Victor H. Mair, 2009. v. 1p. 1–77.

DIODORO DA SICÍLIA. **Diodorus of Sicily: in twelve volumes [Library of history]**. Tradução: Charles Henry Oldfather. Cambridge; Londres: Harvard University Press; W. Heinemann, 1967. v. II

DIODORO DA SICÍLIA. **Diodorus of Sicily: in twelve volumes [Library of history]**. Tradução: Russel Mortimer Geer. Cambridge; Londres: Harvard University Press; W. Heinemann, 1984. v. IX

DIODORO DA SICÍLIA. **Diodorus of Sicily: in twelve volumes [Library of history]**. Tradução: Charles Henry Oldfather. Cambridge; Londres: Harvard University Press; W. Heinemann, 1989. v. I

EURÍPEDES. **Ion**. Tradução: W. S. Di Piero. New York: Oxford University Press, 1996.

FREEDMAN, W. The Literary Motif: A Definition and Evaluation. **NOVEL: A Forum on Fiction**, v. 4, n. 2, p. 123–131, 1971.

GASTER, T. H. (TRAD.). Master Good and Master Bad. Em: **The oldest stories in the world**. Boston: Beacon Press, 1952. p. 159–174.

GONÇALVES, R. M. A viagem de Chang Ch'ien e o início do controle chinês da rota da seda. Em: PAULA, E. S. DE (Ed.). **Portos, rotas e comércio**. São Paulo: FFLCH-USP, 1971. p. 79–105.

HALLO, W. W. Biblical History in Contextual Perspective: A Sketch. Em: **The Book of the People**. [s.l.] Brown Judaic Studies, 2020. p. 103–116.

HIRTH, F. The Story of Chang K'ien, China's Pioneer in Western Asia: Text and Translation of Chapter 123 of Ssi-Ma Ts'ien's Shī-Ki. **Journal of the American Oriental Society**, v. 37, p. 89–152, 1917.

JOHNSON, W. J. (ED.). **Mahābhārata. 3,4: Book three, the Forest / transl. by W. J. Johnson**. 1. ed ed. New York: New York Univ. Press, 2005.

JONES, A. Transmission of Babylonian Astronomy to Other Cultures. Em: RUGGLES, C. L. N. (Ed.). **Handbook of Archaeoastronomy and Ethnoastronomy**. New York, NY: Springer New York, 2015. p. 1877–1881.

JOSEFO, F. **Josephus: in nine volumes [Jewish antiquities]**. Tradução: H. St. J. Thackeray. Cambridge; Londres: Harvard University Press; W. Heinemann, 1961. v. IV

KOLB, A.; SPEIDEL, M. A. Perceptions from Beyond: Some Observations on Non-Roman Assessments of the Roman Empire from the Great Eastern Trade Routes. Em: SLOOTJES, D.; PEACHIN, M. (Eds.). **Rome and the Worlds beyond its Frontiers**. [s.l.] Brill, 2016. p. 151–179.

LEWIS, B. **The Sargon legend: a study of the Akkadian text and the tale of the hero who was exposed at birth**. Cambridge, MA: American Schools of Oriental Research, 1980.

LI, J. 后稷. Em: **中国神话人物辞典**. Xi'an: 陕西人民出版社, 1998. p. 247.

LÍVIO, T. **História de Roma**. Tradução: Paulo Matos Peixoto. 1. ed. São Paulo: Paumape, 1989. v. 1

MAIR, V. H. Foreword: The Beginnings of Sino-Indian Cultural Contact. **Journal of Asian History**, v. 38, n. 2, p. 81–96, 2004.

MAYER, E. E. Tanti non emo, Sexte, Piper. **Journal of the Economic and Social History of the Orient**, v. 61, n. 4, p. 560–589, 2018.

OTTEN, H. Umschrift und Übersetzung. Em: **Eine Althethitische Erzählung um die Stadt Zalpa**. Studien zu den Boğazköy-Texten. Wiesbaden: O. Harrassowitz, 1973. p. 5–13.

PARPOLA, S. Cultural Parallels between India and Mesopotamia: Preliminary considerations. **Studia Orientalia Electronica**, v. 70, p. 57–64, 2014.

PÍNDARO. Olímpica 6. Em: **Epínicios e Fragmentos**. Tradução: Roosevelt Rocha. 1. ed. Curitiba: Kotter Editorial, 2018. p. 101–109.

PLOFKER, K. Vedic India and ancient Mesopotamia. Em: **Mathematics in India**. Princeton: Princeton University Press, 2009. p. 40–42.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas - Teseu e Rómulo**. Tradução: Delfim F. Leão; Tradução: Maria do Céu Fialho. 1. ed. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

PROPP, V. I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. [s.l.] CopyMarket.com, 2001.

RANK, O. **The Myth of the Birth of the Hero: A Psychological Interpretation of Mythology**. New York: The Journal of Nervous and Mental Disease, 1914.

REDFORD, D. B. The Literary Motif of the Exposed Child (Cf. Ex. ii 1-10). **Numen**, v. 14, n. 3, p. 209–228, nov. 1967.

ROSELAAR, S. T. Mediterranean Trade as a Mechanism of Integration between Romans and Italians. Em: ROSELAAR, S. T. (Ed.). **Processes of integration and identity formation in the Roman Republic**. Mnemosyne. Leiden Boston: Brill, 2012. p. 141–158.

SIMA, Q. The Account of Ta-yüan. Em: WATSON, B. (Ed.). **Records of the Grand Historian of China**. Tradução: Burton Watson. New York, London: Columbia University Press, 1961. p. 264–289.

SÓFOCLES. Édipo Rei. Em: **A Trilogia Tebana**. Tragédia Grega. Tradução: Mário da Gama Kury. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 17–100.

SPEISER, E. A. The Legend of Sargon. Em: PRITCHARD, J. B. (Ed.). **Ancient Near Eastern texts: relating to the Old Testament**. 3rd edition with supplement ed. Princeton, N.J: Princeton university press, 1974. p. 119.

WALLACE-HADRILL, A. To Be Roman, Go Greek - Thoughts on Hellenization At Rome. **Bulletin of the Institute of Classical Studies. Supplement**, n. 71, p. 79–91, 1998.

WERTMANN, P. et al. No borders for innovations: A ca. 2700-year-old Assyrian-style leather scale armour in Northwest China. **Quaternary International**, v. 623, p. 110–126, jun. 2022.